

RECADO DE PARIS

PARIS, abril — Ainda ontem eu imaginava como deve ser doce pintar. E ainda descendo de Montmartre, na beleza da tarde, eu me encantei com a beleza mais urbana e severa dessas ruas sem o pitoresco da Colina — dos Três Irmãos, dos Mártires —, cheias de lojas e mansardas, onde há velhos que olham as coisas em silêncio, gatos que passeiam pela vitrina, e o lirismo fim de século enfeitando os portais das padarias e dos açougues com rosas espetadas na carne, lírios e trigais em fiôr pintados no vidro para anunciar os longos pães quentes e saborosos que os franceses amam levar na mão pelas ruas.

Anoitece, e me encontro com Clovis Graciano e Portinari — os dois voltaram da Itália sucumbidos pela pintura dos pre-renascentistas. Graciano faz paisagens de campo, com severas casas de pedra de campônios; Portinari está acabando um quadro com um luxo de cores quentes e homens de cara de cobre montados em cavalos brancos e verdes. Com aquêle seu jeito de caipira êle diz a certa altura — "coisa boa para um sujeito é pintar" —, e confessa seu encantamento com o quadro que está fazendo, diz que essa luz elétrica amarela faz parecer sujo o azul daquele trecho, conta o prazer com que pela manhã se fecha no quarto, pede à mulher para dizer que não está para ninguém e então caminha para as suas tintas. "Eu me lembro quando era criança e ganhava uma coisa muito gostosa para comer". Seus olhos infantís brilham de prazer.

Saio, encontro amigos em um bar de Montparnasse. Mas de repente tenho a impressão de que estou sonhando. Essa primavera em Paris se faz irreal; eu mesmo não sei de mim; quando vejo já tive a ousadia de avançar, de dizer coisas, de sentar à sua mesa cheia de gente onde não conheço ninguém. Ela deve ter achado graça da minha audácia e na minha súbita falta de jeito. Com certeza jamais amarei essa moça em fiôr que vejo pela segunda vez. Não quero amar ninguém. Mas quantos sonhos de artistas não renasceram nesse longo e belo corpo de vinte anos, nesse rosto meio pálido sob os cabelos castanhos, onde os olhos são de um azul quase violáceo, olhos macios como o limo sob a água clara do córrego saltando entre os inhames e as pedras da infância.

Admiro o desenho puro do nariz e da boca, a mansa curva dos braços, e mal ouço o que me diz em sua voz firme e grave. Esse milagre de beleza talvez só pudesse acontecer em um desses pálidos e graves sobrados de seis andares de um boulevard largo e triste, onde uma vez um magro andaluz se apaixonou por estranha mulher da Dinamarca. Adeus. Levo-a nos olhos, perfeita e pura, depois da visão da tarde de ouro de abril. Ela não está na mesa do bar, está pairando sobre os telhados com sua beleza antiga. Eu não sei pintar, mas meus olhos inventam quadros e ficam húmidos perante êles.

20.4.50

R. B.